

# ARTE PARA ALÉM DA IDEOLOGIA? A ARTE VISTA POR MEIO DA TEORIA BLOCHIANA

## ART BEYOND IDEOLOGY? ART THROUGH BLOCH'S THEORY

DANIEL GUTENBERG ELOI ANCHIETA

### Resumo

Na busca em se compreender se a arte pode ser apreciada para além da ideologia de seu tempo de produção, ou se essa ideologia impacta nossa percepção do objeto artístico, este estudo buscou, por meio da teoria de Ernst Bloch, um entendimento do objeto artístico para além da ideologia. Primeiro buscando, no pensamento Marx, a concepção de ideologia, e a conceituação que Bloch faz do conceito. Para entender como a categoria da função utópica faz uma intersecção com a ideologia, para assim expor as teses de estética blochiana que propõem um *excedente cultural* que ultrapassa a barreira da ideologia das classes dominantes. E como esse excedente proporciona na obra sua abertura para o futuro, uma pré-aparência, que demonstra o caráter do objeto artístico. Questiona-se se a ideologia seria de vez eliminada, ou se a vitória sobre ela seria somente parcial, demandando uma avaliação crítica em cada época.

**Palavras-chave:** Ideologia; Arte; Ernst Bloch.

### Abstract

*In the search to understand whether art can be appreciated beyond the ideology of its time of production, or whether this ideology impacts our perception of the artistic object, this study sought, through Ernst Bloch's theory, an understanding of the artistic object beyond ideology. First, by seeking in Marx's thought the conception of ideology, and Bloch's conceptualization of the concept. To understand how the category of the utopian function intersects with ideology, in order to expose the theses of Bloch's aesthetics that propose a cultural surplus that surpasses the barrier of the ideology of the dominant classes. And how this surplus provides the work with its opening*

*to the future, a pre-appearance, which demonstrates the character of the artistic object. The question is whether ideology would be eliminated once and for all, or whether the victory over it would be only partial, demanding a critical evaluation in each era.*

**Keywords:** Ideology; Art; Ernst Bloch.

## 1. INTRODUÇÃO

**A grande obra de arte sobrevive por gerações, ela possui um elemento estético que pode ser observado para além do seu tempo de criação. A beleza, na grande obra de arte, tem uma capacidade única de evocar emoções e de capturar a nossa imaginação, de falar diretamente com a experiência humana, mesmo ela tendo sido produzida em uma época e cultura diferente da do observador. Como por exemplo: a arquitetura clássica ou o teatro grego, sabemos que mesmo estando séculos depois, elas possuem algo belo. Por que? Por que compreendemos essas obras do passado como belas? Por que apesar de termos consciência que o teatro grego era algo direcionado apenas a uma pequena parte da população considerada como cidadã – excluindo mulheres, crianças e escravos – como algo belo? A própria compreensão de mundo destes autores não deveria influenciar a nossa visão da produção artística deles? Ou, a obra de arte fica separada dessa dimensão ideológica de seu autor? Reformulando a pergunta, a ideologia de seus autores, ou a ideologia vigente em certo período histórico, não impacta a nossa apreensão de uma obra? Ou seria possível observar um novo conteúdo na obra de arte para além do seu tempo, uma característica de abertura para o futuro que ultrapassa a ideologia de seu tempo. Essa é a**

**pergunta que este artigo busca entender, e como base para se postular essa compreensão, usaremos as teses desenvolvidas por Ernst Bloch.**

A relação entre ideologia e a produção artística é alvo de vários debates acadêmicos, principalmente na discussão sobre o seu uso político para controlar as massas. Entretanto, esse trabalho busca discutir como poderíamos compreender obras e referências para além de uma ideologia. Entender se elas estariam sempre carregadas em si de uma ideologia, do espectro da aura de dominação. Se elas seriam apenas monumentos da barbárie como Benjamin aponta na VII tese sobre a história, documentos da vitória de uma parte da história<sup>12</sup> que exaltam governos e poderes religiosos, sem que haja uma crítica. Ou seria possível ter uma outra compreensão dessas obras, para além do que ela pode ter exaltado no seu tempo de produção?

Em busca dessa outra possibilidade de se conceber as obras, usaremos as compreensões que Ernst Bloch propõe sobre arte e sua relação com a utopia, para que possamos observar algo além da ideologia, por meio da relação da arte com o que ele denomina de função utópica e da relação dela com a ideologia. Portanto, a arquitetura e as grandes obras de arte poderiam ser mais do que meros documentos dos vencedores, podem conter em si, aquilo que não foi escrito, a sua negação, a não-obra, a crítica escondida que não pode ser feita, e assim demonstrar o caráter de ideologia do seu tempo e ser parte de uma testemunha de algo que está por vir, de um outro tipo de consciência futura. Isso é o que este trabalho busca desenvolver, como poderíamos observar, ou não, uma arte para além de sua ideologia, como ela se apresentaria ou como ela atingiria esse novo significado para além do que está no momento.

Em busca de compreender essa possibilidade, devemos antes de tudo entender o que seria a ideologia, como podemos conceituá-la, para então vermos como Bloch lida com essa situação nas obras e produções humanas, a fim de compreendermos a tese de uma arte que se mostra além da ideologia.

## 2. IDEOLOGIA

**Para compreendermos a relação entre ideologia e obra de arte, é essencial examinar o conceito de ideologia. Este conceito, amplamente discutido nas ciências sociais, assume significados variados e muitas vezes contraditórios, sendo entendido de maneira neutra, negativa ou positiva por diferentes autores. A partir de Karl Marx, o conceito de ideologia começa a ser teorizado, sendo essa teorização a base que pensadores posteriores usam para desenvolver as interpretações mais conhecidas do termo. Assim, buscaremos, dentro do pensamento de Marx, a fundamentação do conceito de ideologia.**

Tanto Paul Ricoeur como Leandro Konder entendem que, nos escritos iniciais de Marx, o termo ideologia é empregado como uma inversão que ocorre na consciência do homem,<sup>13</sup> Ricoeur propõe que há uma oposição entre a ideologia e o que é real.<sup>14</sup> No prefácio de “*A ideologia alemã*” vemos um trecho que corrobora tal leitura, uma vez que Marx propõe que há uma inversão da realidade, na qual o homem teria se tornando escravo de suas próprias ideias:

“Até agora, os homens sempre tiveram ideias falsas a respeito de si mesmos, daquilo que são ou deveriam ser (...) Esses produtos de seu cérebro cresceram a ponto de dominá-los completamente. Criadores, inclinaram-se diante de suas próprias criações. Livremo-los, pois, das quimeras,

<sup>12</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992. p.160-161.

<sup>13</sup> KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.31,39

<sup>14</sup> RICOEUR, Paul. *A ideologia e a utopia*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017. p.18-21,37-39.

das ideias, dos dogmas, dos seres imaginários, sob o jugo dos quais eles se estiolam. Revoltemo-nos contra o domínio dessas ideias”.<sup>15</sup> (Engels; Marx, 2001, p.3)

Marx procura criticar a compreensão de ideias que se tornam tão predominantes a ponto de substituir a realidade e induzir o que entendemos como a alienação humana, mesmo que o termo não seja explicitamente mencionado. Essa alienação ocorre justamente ao estabelecer uma dicotomia entre o plano ideal e o material, obscurecendo a percepção do ser humano de que essas concepções são meramente abstratas e que não possuem uma ligação com a base real. Portanto, uma possível origem da ideologia pode ser entendida por meio da alienação, da separação do trabalho, fazendo com que a consciência adquira uma interpretação distante da *práxis*<sup>16</sup>.

Essa inversão causada pela separação do trabalho é utilizada pela classe dominante, pois ela controla não só a produção material, mas também a produção intelectual, perpetuando suas ideias como dominantes em busca de se legitimar.<sup>17</sup> Assim, somente através de um procedimento crítico da ideologia que poderíamos desmascarar essa inversão causada pela divisão do trabalho e que gera ideias que dominam o homem, e que não possuem tangência com o real.<sup>18</sup>

Portanto, a ideologia não faria distinção daquilo que é falso e verdadeiro em si, apenas daquilo que é apenas abstrato, consciência, representação e não

tem ligação com a *práxis*. Ela em si não seria um conceito com conotação negativa, assim como se tem no imaginário popular, mas fala de uma inversão de pensamentos que “esquecem” da base real, que eles também são uma produção<sup>19</sup>. Konder resume a visão marxiana da ideologia da seguinte forma:

“Marx mostrava que havia avançado em sua caracterização do que era a ideologia. Deixava claro que, para ele, a ideologia - no essencial - era a expressão da incapacidade de cotejar as ideias com o uso histórico delas, com a sua inserção prática no movimento da sociedade. E se dava conta de que essa incapacidade também precisava ser compreendida historicamente.”<sup>20</sup> (Konder, 2002, p.40)

A partir desse desenvolvimento feito por Marx, temos outras interpretações, como por exemplo a de Engels que entende a ideologia como uma falsa consciência<sup>21</sup> e a leitura feita por Lênin, da ideologia como um *corpus* de conhecimento.<sup>22</sup> Outra concepção que podemos pontuar, que vai na linha semelhante ao que Lênin apresenta, é a definição feita por Franz Hinkelammert, de ideologia como um compromisso com uma estrutura<sup>23</sup>.

Portanto, essas seriam algumas das concepções básicas de ideologia, porém devemos entender como Ernst Bloch, que segue a linha marxista, acrescenta ao conceito de ideologia, para que possamos pensar uma produção que vá além de ser carregada de uma ideologia, de ser apenas uma representação das

<sup>15</sup> ENGELS, Friedrich, MARX, Karl. *A ideologia Alemã*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p.3

<sup>16</sup> *Ibidem*, p.26.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p.48.

<sup>18</sup> RICOEUR, Paul. *A ideologia e a utopia*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017. p.115.

<sup>19</sup> RICOEUR, Paul. *A ideologia e a utopia*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017. p.172.

<sup>20</sup> KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.40.

<sup>21</sup> MARX, K. & ENGELS, F. Cartas. In: MARX, K. & ENGELS, F. *Obras escolhidas em três tomos – tomo III*. Tradução de José Barata-Moura. Lisboa, Moscou: Avante, Edições Progresso, 1985. p. 556-561

<sup>22</sup> LENIN, V.I. *Collected works*. Volume 20. Moscow: Progress Publishers,1977. p.24

<sup>23</sup> HINKELAMMERT, Franz. *Ideologías del desarrollo y dialéctica de la historia*. Ediciones Nueva Universidad/Universidad Católica del Chile: Santiago, 1970, p. 9-11.

concepções da classe dominante, que apresente um conteúdo antecipatório que possa lhe dar um significado mais profundo do que aquele visto levando em conta apenas as ideologias presentes no seu tempo.

### 3. IDEOLOGIA E A FUNÇÃO UTÓPICA

**Ernst Bloch (1885–1977) foi um filósofo alemão que se dedicou ao estudo, dentre muitos conceitos, de uma possibilidade concreta para a utopia em um período histórico marcado por guerras, crises econômicas e transformações políticas radicais. Ainda que considerado apenas um simpatizante heterodoxo<sup>24</sup> do marxismo, apresenta uma ligação significativa com a teoria marxista, destacando-se por sua relação próxima, mas eventualmente conflituosa com algumas de suas figuras proeminentes.**

Pensando no tangenciamento da utopia com a realidade Bloch teoriza o que seriam as funções utópicas, uma categoria da ação consciente da utopia em busca de algo vindouro. A função utópica teria um ponto de contato com diversos aspectos da realidade, sendo um deles a ideologia. E partir dessa ligação entre ideologia e função utópica que ele desenvolve algumas teses que nos são interessantes para este artigo.

A sua teorização de como se daria esse encontro entre a função utópica e ideologia se inicia com a análise de como a ideologia teria um certo aspecto de não completude. Uma vez que, ela não poderia ser totalmente compreendida, ou esgotada, apenas pela sua relação temporal, nem pela falsa consci-

ência que ela gera sobre o seu tempo<sup>25</sup>. Seguindo a linha marxista que apresentamos anteriormente, ele entende a origem da ideologia por meio da separação do trabalho manual e mental. Uma vez que houvesse essa separação, uma classe poderia elaborar ideias que pudessem ser usadas para mascarar a realidade, para esconder a exploração das outras classes<sup>26</sup>.

A formação da ideologia, para Bloch, pode ser dividida em três fases: a preparatória, a vitoriosa e a declinante. A fase preparatória seria o primeiro passo para propor a sua ideologia, atacando a ideologia da classe dominante anterior, propondo algo progressivo em contradição a essa dominante. Com a vitória sobre uma ideologia anterior, passa-se para a fase da vitória, que começaria a estabilizar sua própria ideologia, tornando sua visão aquela política, legal e culturalmente correta<sup>27</sup>.

A terceira fase se instaura então com a classe declinante, que faria uma enganação totalmente consciente, como no exemplo que Bloch aponta, chamando “a noite de dia, o dia como noite”<sup>28</sup>. Essa dinâmica da ideologia existiria pelo fato de não ser possível de qualquer exploração se colocar em vista plenamente; ela precisa se esconder com uma falsa consciência, um embelezamento da realidade<sup>29</sup>.

É a partir dessa concepção básica que ele busca ir além desse lugar mais comum da ideologia. Ele procura evidenciar que ela teria mais elementos do que apenas essa falsa consciência, ele busca entender esse elemento que não foi terminado na ideologia em seu tempo específico.

Portanto, ele descreve duas separações básicas da

<sup>24</sup> *Aesthetics and Politics*. London: Verso Editions, 1980. p.10.

<sup>25</sup> BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1. p.152.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p.152.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p.152.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p.153.

<sup>29</sup> BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1. p.153

ideologia, distinguindo o que seria a ideologia *vista deste lado* e o *lado da herança cultural*. Podemos entender que, quando a ideologia é vista deste lado ela representa a soma das ideias que a dominante produziu em busca de esconder a sua própria dominação, ou seja, ela representa uma visão da ideologia como falsa consciência – nos lembrando do que Engels escreveu em sua carta para Mehring<sup>30</sup>.

O outro lado da ideologia, portanto, trataria sobre a questão do que é chamado por Bloch de “*excedente cultural*”, a busca de entender como produções culturais como as artes, ciências e filosofia, continuariam num imaginário cultural mesmo quando a base social que possibilitou sua existência deixasse de existir.<sup>31</sup>

As três etapas da ideologia também estariam presentes aqui, e seria justamente durante o período clássico de uma ideologia, a sua fase vitoriosa, que as produções que possuem uma orientação progressiva para o futuro nos contrariariam mais, uma vez que iriam contra o que a ideologia busca mascarar. Assim, mesmo sendo produzida por esse período vitorioso de uma classe dominante, Bloch entende que: “E as florescências da arte, da ciência e da filosofia sempre designam mais do que a má consciência que uma sociedade tinha a seu respeito em cada caso e utilizava localmente para o seu embelezamento.”<sup>32</sup>

Para argumentar sobre essa arte que vai além da má consciência, Bloch propõe que essas produções não estão presas ao tempo histórico e social de sua produção, ele usa o exemplo da arquitetura citando que a Acrópole e a catedral Gótica de Strasbourg são

produtos de seu tempo, mas ao mesmo tempo não estão presos a ele, e nem ao que haveria de negativo desse tempo produzido delas.

Com o passar do tempo essas obras teriam desvanecida a glória dos seus primeiros dias, mas também perderiam a sua carência, em busca de uma glória futura verdadeira e intencionada. Entendendo que não seria possível existir esse excedente cultural se entendesse a ideologia apenas como falsa consciência.<sup>33</sup> Não seria essa argumentação uma apologia a retirar o fato histórico da produção artística? Uma leitura equivocada poderia dizer que sim, mas podemos compreender que na verdade é que o problema histórico não seria um impedimento para a fruição da obra em outros tempos, uma vez que ela também aponta para algo além de seu tempo.

Portanto, dentro dessa compreensão, as ideologias de classe passadas estavam caminhando, com as obras produzidas dentro de seu tempo, em direção a um excedente que ele denomina de “*cultura de efeito continuado*”<sup>34</sup> que está além da falsa consciência ou de uma apologética para o estado da realidade histórica, sendo possível apenas pelo efeito que a função utópica aplica nas produções ideológicas que possuem lado cultural. Uma vez que uma falsa consciência por si só não seria capaz de produzir um embelezamento da realidade, ou “a harmonização prematura das contradições sociais”<sup>35</sup>.

Seria somente por causa desse encontro com a função utópica que poderia existir essa produção cultural que vai além da ideologia. Pois, é por meio desse encontro que “Toda cultura pregressa é pré-aparência”<sup>36</sup> de uma vitória na medida em que esta ao menos pôde ser edificada com imagens e ideias sobre

<sup>30</sup> MARX, K. & ENGELS, F. Cartas. In: MARX, K. & ENGELS, F. *Obras escolhidas em três tomos* – tomo III. Tradução de José Barata-Moura. Lisboa, Moscou: Avante, Edições Progresso, 1985. p. 556-561

<sup>31</sup> BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1. p.153-154.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.154.

<sup>33</sup> BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1. p.154-155.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p.155.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p.155.

os cumes do tempo com longe alcance visual, portanto não apenas no e para o seu tempo”.<sup>37</sup>

Isso se daria porque, para Bloch, o próprio ato da produção cultural buscar os limites da perfeição faz com que ela tangencie a ideia da utopia, mas não a utopia em seu uso pejorativo e imaturo, mas sim concreto da função da utopia, e por isso podia ter esse excedente que vai além da uma mera ideologia atual.<sup>38</sup> Dessa forma, ele conclui que:

“Todas as grandes obras da cultura têm, portanto, implícito, ainda que nem sempre explícito (como no Fausto de Goethe), um pano de fundo utópico compreendido dessa maneira. A partir do conceito filosófico de utopia, elas não são um passaporte ideológico de um tipo mais elevado, mas caminho tentado e conteúdo da esperança ciente. Somente assim a utopia retira das ideologias o que lhe é próprio e oferece uma explicação para o elemento progressista do tipo que continua a atuar historicamente, contido nas obras magnas da própria ideologia. O espírito da utopia está presente na predicação definitiva de todo grande enunciado.” (Bloch, 2005, p.157)

Seria dessa forma que Bloch propõe entender como poderíamos expor aquilo que há de bom em uma obra, sem se levar pela ilusão, pois a compreensão crítica haveria destruído aquilo que pertence a uma ideologia de classe específica, as obras poderiam ir além de ser mera decoração e de falsa harmonização da realidade, e uma vez que houvesse o fim das ideologias elas poderiam se tornar aquilo que estavam destinadas a ser, “o panorama ideologicamente desimpedido do conteúdo da esperança humana”<sup>39</sup> E isso se daria somente pelo que ele denomina como

pré-aparência, a sua abertura para as possibilidades do futuro.

#### 4. A ABERTURA NA ARTE PARA ALÉM DA IDEOLOGIA

**A possibilidade que Bloch busca desenvolver é que as grandes obras de arte possuem algo que vai além de seu tempo local e suas raízes ideológicas. Isso se daria apenas por causa do encontro dessa produção com a função utópica que faz a arte almejar algo para além do seu tempo, o que resultaria numa abertura que ele denominou como pré-aparência<sup>40</sup>, conceito chave na compreensão estética blochiana e fundamental para entendermos como essa seria possível essa dinâmica na produção cultural que busca ter uma glória além de seu tempo.**

Os comentadores de Bloch possuem algumas interpretações do que seria esse termo. Para Pierre Furter, pré-aparência simboliza o fato de a arte ser a junção da presença e da aparência, pois a obra de arte não pode estar limitada a nenhum dos dois, antes, “Sendo a obra de arte a concretização fragmentária de uma totalidade, captada parcialmente, visa, portanto, algo que representa e que ainda não está totalmente presente.”<sup>41</sup> Por isso que ela possuiria uma indicação concreta do futuro, ela visa uma totalidade futura e para isso abre as perspectivas do homem, ela é mais que apenas a presença que se esgotaria no momento, antes ela indica uma possibilidade futura.

Rodrigues apresenta outras visões dessa pré-apa-

<sup>36</sup> Pré-aparência é um conceito chave dentro da teoria blochiana que exploraremos na próxima seção, e que será o suporte para concluir sua argumentação de como essa produção cultural pode ser considerada para além do seu tempo e ideologia.

<sup>37</sup> BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1. p.155

<sup>38</sup> *Ibidem*, p.156.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p.157.

<sup>40</sup> Termo em alemão: “Vor-Schein”;

<sup>41</sup> FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p.103.

rência, uma delas seria a da leitura feita por Jack Zipes, no qual a pré-aparência seria fruto de uma influência de conceitos Kantianos e Hegelianos de ilusão e aparência.<sup>42</sup> E que, portanto, na verdade o nome mais correto seria uma iluminação antecipatória, pois a escolha de “Vor” por Bloch teria sido pensada no caráter antecipatório da obra de arte<sup>43</sup>. A arte, portanto, conseguiu demonstrar em seu ser essa iluminação de uma possibilidade real, um fragmento do que está vindo.

Seguindo essa linha, temos também a visão de Arno Münster, que também reforça o caráter antecipatório da obra, sendo que para ele a antecipação seria a centralidade do pensamento estético de Bloch.<sup>44</sup> Entretanto, em Gert Ueding, Rodrigues argumenta que a visão do “Vor-Schein” seria em direção a um diálogo com Hegel, no qual a arte antecipatória sempre indicaria para além de si, sendo aparência e pré-aparência, um fragmento que indica a abertura para o que está vindo, e por isso ela participa como um elemento que estimula o homem em direção à ação.<sup>45</sup>

Dentro do texto blochiano, compreendemos que a arte é algo que permanece mesmo após sua apreciação, é algo que perdura. Mas, sua definição não se limita a isso, ele questiona a natureza da arte, entre ser apenas aparência, ou se há algo além disso. Em suas palavras: “há algo a mais no que foi moldado desse jeito do que apenas um jogo de aparências?”<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Ele compreende que toda boa arte finaliza seu ob-

jeto como belo acabamento, porém seu intuito é perceber se há honestidade por trás disso, ou se ela é apenas aparência, ilusão.<sup>47</sup>

A questão fundamental por trás desta busca, seria a da verdade, e como a arte se relaciona com a verdade, mas não apenas num nível racional e sim concreto. Para compreender essa relação, ele disserta sobre a relação entre arte e a ciência, e como o racionalismo teria visto a arte como uma adversária na compreensão da verdade, e que até mesmo a disciplina estética teria surgido entendendo que o seu objeto de estudo seria de uma cognição inferior<sup>48</sup>. No entanto, não foi só o racionalismo que teria se posicionado contra a arte, a religião também se opôs à representação artística. Bloch entende que essa tensão entre a arte e o racionalismo e a religião seria uma reivindicação da verdade perante a ilusão da arte, perante o belo<sup>49</sup>.

Porém, ao observar o lado dos artistas, Bloch entende que eles não se entendiam como criadores de uma ilusão, antes, seriam também comprometidos com a verdade, porém por mais que se produzisse uma arte realista, este tema da verdade na estética não teria sido resolvido. Entretanto, mesmo não sendo resolvido, ele teria sido ampliado comunicando uma verdade, mas que se diferencia da ciência, pois mesmo essa obra que busca ser realista, tem algo a mais, uma licença que não pertence à ciência.<sup>50</sup> Portanto, a resposta da verdade na obra estaria mais ligada às imagens e suas representações como

---

<sup>42</sup> RODRIGUES, U. de M. A pré-aparência (Vor-Schein) artística como antecipação transgressiva no pensamento de Ernst Bloch. *Veritas* (Porto Alegre), [S. l.], v. 66, n. 1, p. e40941, 2021. p.2

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>45</sup> RODRIGUES, U. de M. A pré-aparência (Vor-Schein) artística como antecipação transgressiva no pensamento de Ernst Bloch. *Veritas* (Porto Alegre), [S. l.], v. 66, n. 1, p. e40941, 2021. p.4

<sup>46</sup> BLOCH, Ernst. O princípio esperança. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1. p.208. <sup>48</sup> FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p.103.

<sup>47</sup> FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p.103.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p.208.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p.210.

bela aparência de uma possibilidade real:

“E a resposta à pergunta estética pela verdade tem o seguinte teor: em toda parte, a aparência artística não é apenas mera aparência, mas uma significação envolta em imagens, designável somente mediante imagens, do que foi impulsionado para a frente, em que a exageração e a fabulação representem uma importante pré-aparência do real, que circula no próprio existente em movimento, uma pré-aparência que pode ser representada especificamente de modo imanente-estéticos.” (Bloch, 2005, p.212)

Essa pré-aparência seria possível porque o material artístico é levado ao fim em sua produção – não é deixado no processo, mas alcança o fim na própria obra.<sup>51</sup> Portanto, chega na sua representação estética, representação estética que seria mais bem-sucedida do que qualquer representação histórica do objeto, e por isso sua aparência seria também pré-aparência, e não ilusão.<sup>52</sup> “Assim, a arte é não-ilusão, pois ela atua no prolongamento daquilo que se tornou existente, na caracterização mais adequada de sua forma.”<sup>53</sup>

A arte dentro do sistema blochiano vai além da mera aparência, mesmo que ainda também seja aparência. Ela também não é esgotada apenas na presença, antes é uma junção da aparência bem finalizada como pré-aparência, pois como Pierre Furter aponta: “e fosse só presença, se a sua significação se esgotasse na sua contemplação – o que, aliás, aconte-

ce no caso da alienação estetizante –, a obra de arte não teria nenhum papel libertador, e não se entenderia a sua relação com a consciência antecipadora”<sup>54</sup>.

A estética blochiana tira o homem da pura contemplação e se funda dentro do processo concreto da história para funcionar como um laboratório aberto de possibilidades à humanidade.<sup>55</sup> Por isso ela está ligada à utopia e com a função utópica, a pré-aparência da obra é essencialmente utópica, visando às possibilidades reais que ainda estão por vir no processo da história. Rodrigues entende que, dentro da estética blochiana, a pré-aparência não é um conceito metafísico ou sociológico, mas sim ontológico.<sup>56</sup>

Portanto, Bloch entende que, apenas uma sociedade que não busca destruir a arte, mas examiná-la, promovendo sua tendência, pode buscar frutificar aquilo que ela retrata, trazer sua aparência para a vida comum<sup>57</sup>, podendo, assim, uma arte não ser mera ilusão, pois tem possibilidade de nos mostrar sua premonição do futuro, sua pré-aparência da liberdade, a beleza daquilo que está por vir. Rodrigues resume essa relação da arte com a pré-aparência da seguinte maneira:

“Se há na arte algo de utópico, se há uma função utópica na arte, então essa pergunta pela verdade passa pelo possível-real, por sua ontologia transgressiva fundada no ser-sendo-em-possibilidade. Concedendo assim à aparência artística não o status de pura ilusão, mas o estatuto

<sup>50</sup> *Ibidem*, p.210-211.

<sup>51</sup> BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1. p.212-213.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p.212-213.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p.213

<sup>54</sup> FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.p.103.

<sup>55</sup> BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1. p.214

<sup>56</sup> RODRIGUES, U. de M. A pré-aparência (Vor-Schein) artística como antecipação transgressiva no pensamento de Ernst Bloch. *Veritas* (Porto Alegre), [S. l.], v. 66, n. 1, p. e40941, 2021. p.12

<sup>57</sup> BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1. p.214.

ontológico de concretude cujo brilho aponta para mais-além, cujo correlato é o possível-real no presente aberto e inconcluso.” (RODRIGUES, 2021, p.10)

Dessa forma poder-se-ia fundamentar uma arte que resiste à ideologia e pode ir além, por causa da sua ligação com a função utópica que proporciona a sua abertura, a sua pré-aparência para o futuro, uma época além do domínio de certa ideologia de classe. Portanto, a arte manteria a sua condição de proporcionar fruição ao seu observador, ela perde a glória momentânea em que era usada também como instrumento de propagação de ideias dominantes, para ter uma glória posterior na qual ela pode ser apreciada para além disso, apontando para o que ainda está por vir dentro do processo da história.

## 5. APONTAMENTOS FINAIS

**Ao apresentarmos as teses estéticas de Bloch, é possível que surja uma crítica. De fato, ele observa essa abertura na arte para além de seu tempo de dominação ideológica, e fala das obras feitas durante o período clássico de uma ideologia, como elas se demonstram como um caráter de contestação. Porém, faltou examinar a arte e o artista que, voluntariamente, produziram uma obra que apoiava o poder, como vemos nos diversos textos de Flávio Kothe sobre arte e a alegoria, a arte também foi legitimadora do poder<sup>58</sup>, seu uso estético para a dominação não é algo que pode ser esquecido ou desassociado. Portanto, como ficaria a superação ideológica nessas obras elas teriam essa abertura, a pré-aparência para o futuro? Essa é uma questão válida e talvez seja necessário um trabalho específico para se adentrar no assunto.**

### **Mas, Kothe também aponta que a obra de arte não seria só isso, pois ela também é:**

“Por outro lado, a obra é a não-ruína por excelência: índice de possibilidades, concretização de um mundo possível, reconhecimento do existente, alternativa ao status quo oportunidade de dizer o que o poder vigente não quer que se diga.” (Kothe, 2023, p.147)

Dessa forma, buscando uma resposta seguindo a teoria blochiana ela parece nos apontar que se de fato era uma obra de arte que buscava finalizar seu conteúdo com uma bela aparência, ela sempre tangenciaria a questão da utopia, de um estado de pré-aparência. Portanto, talvez as obras que tenham sido elaboradas e usadas estritamente com esse propósito não seriam obras de arte em si, poderiam ser objetos de outra categoria, como por exemplo artefatos da indústria da cultura. Já que dentro da teoria estética blochiana as obras dependem dos sonhos para existirem e a arte seria fundamentalmente utópica, como seu fundamento ontológico, de sua abertura para a pré-aparência.

Furter aponta que, para Bloch, a obra de arte teria que representar um fragmento de uma totalidade realizável, o que geraria a sua fertilidade e a sua contínua renovação em outras épocas.<sup>59</sup> Outra característica fundamental da compreensão artística seria seu potencial em abrir as perspectivas e possibilidades ao ser humano, como um meio que salta da realidade e nos insere dentro do horizonte das possibilidades, no qual não sabemos se estamos na verdade ou em uma ilusão.<sup>60</sup> Portanto, só objeto que tivesse essa capacidade poderia ser arte.

Dessa forma, a verdadeira produção sempre teria este outro lado que vai além da ideologia. Konder

<sup>58</sup> KOTHE, Flávio. *Alegoria, aura e fetiche*. Cotia, São Paulo: Editora Cajuína, 2023

<sup>59</sup> FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p.104

parece concordar com essa concepção de que não seria possível a ideologia dominar totalmente a produção artística uma vez que ele afirma que: “A ideologia dominante, não consegue, porém, encobrir na consciência dos grandes artistas a percepção de uma contradição crucial.”<sup>61</sup>

A verdadeira arte então tem esse aspecto que supera sua ideologia local e temporal, porém, seu triunfo seria completo? Konder aponta que nas grandes obras, há sempre uma superação da ideologia dominante, mas que a eliminação da distorção ideológica não é completa. Pois, dizer que ela elimina essa inversão seria dizer que ela se tornaria um conhecimento perfeito, o que ele entende que seria cancelar o enraizamento histórico da obra. O que acarreta que ela deixa de ser conhecimento artístico, pois retira essa camada de subjetividade de sua expressão. O que acontece para Konder é uma vitória parcial sobre a ideologia:

“Contudo, nas obras de arte bem-sucedidas, embora não haja uma eliminação, podemos acreditar que há uma vitória limitada, porém concreta contra as distorções ideológicas, uma superação parcial importante da ideologia.” (Konder, 2002, p.219)

Deste modo, nunca poderemos resolver a questão da ideologia? Ela sempre terá esse excedente cultural ao mesmo tempo que sempre terá a presença da falsa consciência? Konder argumenta que “Nenhum conhecimento pode ser considerado isento de suspeitas.”<sup>62</sup> mas não seria por isso que poderíamos ignorar qualquer forma de conhecimento, artística ou científico, Uma vez que qualquer conhecimento implicaria na presença de um certo grau de ideologia, por causa de seu enraizamento histórico, mas ao mesmo tempo, sempre teria algo para se aproveitar

deste conhecimento para além da ideologia.<sup>63</sup>

Sempre haverá um grau de ideologia, isso será impossível de se abstrair, uma vez que cada época imporá seus aspectos históricos sobre o conhecimento seja artístico ou de outra forma, porém, como Bloch aponta, esse não pode ser o fim da arte, ela possui em si uma capacidade e abertura para o futuro que a distância da ideologia passada ao mesmo tempo que não perde seu caráter artístico, ganha na verdade mais condição, outra glória posterior como Bloch coloca.

Portanto, como fica a nossa questão de uma arte além da ideologia? Konder propõe que o problema da ideologia nunca poderá ser resolvido totalmente, as obras não poderão chegar a ser aquilo que elas foram feitas pra ser segundo Bloch, sempre serão um índice do que pode ser no futuro, mas é através da práxis e da sua examinação como ideologia que seu conteúdo pode ser aproveitado,<sup>64</sup> seu excedente cultural pode ser assimilado.

Somente pela ação da práxis em cada época de avaliar o conhecimento e de se estruturar na teoria que poderia o problema da ideologia ser resolvido em cada época, observando o passado e o futuro, sem perder a compreensão da influência do tempo histórico. E assim a arte pode continuar a ser apreciada para além da ideologia na qual ela foi produzida, sua abertura para o futuro nos garante uma fruição posterior que a observa apesar das ideologias passadas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Aesthetics and Politics*. London: Verso Editions, 1980.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p.104.

<sup>61</sup> KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.217

<sup>62</sup> KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.259

<sup>63</sup> *Ibidem*, p.259

<sup>64</sup> *Ibidem*, p.262.

BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Tradução de Nélcio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v. 1.

ENGELS, Friedrich, MARX, Karl. *A ideologia Alemã*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HINKELAMMERT, Franz. *Ideologías del desarrollo y dialéctica de la historia*. Ediciones Nueva Universidad/Universidad Católica del Chile: Santiago, 1970.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOTHE, Flávio. *Alegoria, aura e fetiche*. Cotia, São Paulo: Editora Cajuína, 2023.

KOTHE, Flávio. *Benjamin & Adorno: confrontos*. Cotia, São Paulo: Editora Cajuína, 2020.

LÊNIN, V.I. *Collected works*. Volume 20. Moscow: Progress Publishers, 1977.

MARX, K. & ENGELS, F. Cartas. In: *MARX, K. & ENGELS, F. Obras escolhidas em três tomos – tomo III*. Tradução de José Barata-Moura. Lisboa, Moscou: Avante, Edições Progresso, 1985.

RICOEUR, Paul. *A ideologia e a utopia*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

RODRIGUES, Ubiratane de Moraes. A pré-aparência (Vor-Schein) artística como antecipação transgressiva no pensamento de Ernst Bloch. *Veritas* (Porto Alegre), [S. l.], v. 66, n. 1, p. e40941, 2021. DOI: 10.15448/1984-6746.2021.1.40941. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/40941>. Acesso em: 28 ago. 2024.